

SERRA-PILAR

3 abril 2016 | ano 41 | Páscoa, 2º Domingo | 1952

**CREIO QUE A PRESENÇA DA COMPAIXÃO VEM,
CONSTANTEMENTE, AO NOSSO ENCONTRO, NOS CHAMA
PELO PRÓPRIO NOME, E NOS SEGREGA AO CORAÇÃO:
“AMIGO, AMIGO, NÃO TEMAS. CONFIA E VIVE!”.**



acredito na Vida

www.serradopilar.com

QUE OUTRA COISA SERÁ A FÉ PASCAL SENÃO: ACREDITAR NA VIDA? Quando digo acreditar, não quero dizer professar crenças. Digo viver: digo confiar em si mesmo e no outro, apesar de tudo; digo rebelar-se contra todos os poderes que asfixiam; digo colocar-se ao lado do ferido; digo ser humilde fermento que transforma e faz crescer a história; digo respirar em paz todas as noites, e continuar a caminhar todos os dias, apesar do fracasso, da cruz ou da morte. **Acreditar na Páscoa é uma forma de viver.**

“Páscoa” (*pesah*, “passagem”) foi como os judeus chamaram à libertação da **escravidão** sob o domínio do faraó, à travessia do deserto em direção à plena liberdade, à esperança de chegar à Terra onde corre leite e mel para todos. Mas, milhares de anos antes da festa religiosa judaica, a Páscoa foi, mesmo sem este nome, a festa da primavera de pastores e agricultores: a festa dos cordeiros e dos campos de trigo. A festa da vida e do pão.

Creio que Jesus de Nazaré - ainda que não tenha sido o único- **viveu e anunciou a graça e a liberdade**, foi profeta da Vida. E foi por isso que os poderes estabelecidos o condenaram: por se ter tornado solidário com todos os condenados. Mataram-no, mas a sua vida não morreu. É que, na nossa vida, flui a plenitude da Vida, e a nossa vida flui para a sua plenitude, em passagem ou páscoa permanente.

Creio que Jesus ressuscitou, pois a vida feliz, a bondade que habita no coração de todos os viventes é imortal, como a beleza, no Coração que palpita em tudo. A vida revive, tudo quanto existe se transforma: a borboleta em ovo, o ovo em lagarta, a lagarta em crisálida, a crisálida em borboleta, a borboleta em ovo, em voo, em terra, e a terra em flor, a flor em abelha, a abelha em cera, a cera em chama, a chama em luz, a luz em sombra, a sombra em luz, ar, alento, energia ou espírito... pairando sobre as águas da vida, que vibra no coração de todos os seres, formas do Ser, do Alento, da Alma, da Comunhão ou do Todo imortal. Mas, que acontece quando “morremos”, quando se desintegra o suporte “material” que sustenta a nossa consciência, emoções e memória? Não sei o que dizer, mas acredito que não é o fim da nossa vida, mas antes a **sua páscoa ou passagem para a Plenitude que somos, para a amplitude da Vida, do Coração ou da Memória Infinita a que também chamamos “Deus”.**

Creio que Jesus ressuscitou, não só após a sua morte, mas em toda a sua vida, e nela incluo, também, a sua morte. A vida de justo de Jesus ressuscitava na plenitude eterna de “Deus”, quando curava os enfermos, devolvendo-lhes a confiança na vida, quando tomava lugar à mesa com os excluídos da religião, quando proclamava felizes os pobres camponeses e pescadores da Galileia - felizes porque iam deixar de ser miseráveis -, quando contava parábolas que apelavam à misericórdia e provocavam surpresa nos ouvintes, quando subvertia as hierarquias e consagrava a fraternidade. Jesus ressuscitou ao longo de toda a sua vida, e quando, devido à sua vida, o condenaram a morrer na cruz, então acabou de ressuscitar.

Creio que os seus discípulos -sobretudo os seus discípulos - voltaram a acreditar nele e a segui-lo, pela mesma razão por que tinham acreditado nele e o tinham seguido em vida: porque viram nele o profeta da vida libertada. Foram-se-lhes abrindo, de novo, os olhos, e confessaram o profeta da Vida como mártir Vivente. **Acredito que, para acreditar no Vivente, não são necessários sepulcros vazios, nem anjos, nem aparições milagrosas,** pois tudo é animado pelo Anjo da Vida, tudo é milagre, todos os sepulcros estão vazios de ausência, cheios de presença feliz, da Graça de ser que Jesus viveu. Basta apenas que o coração e os olhos se abram, para tocar na Vida presente em todas as mãos e pés feridos, em tudo o que existe e palpita: o caminhante anónimo, o imigrante expulso, a mulher maltratada, os idosos e crianças infelizes, o desempregado de longa duração. E também na humilde pedra do caminho, ou no pintarroxo que continua a cantar junto ao rio Narrondo, ao anoitecer, e que volta a cantar ao amanhecer.

Creio que a Presença da Compaixão vem, constantemente, ao nosso encontro, nos chama pelo próprio nome, e nos segreda ao coração: “Amigo, amigo, não temas. Confia e vive!”.

JOSE ARREGI. Teólogo espanhol.

<http://blogs.periodistadigital.com/jose-arregi.php/2014/04/30/p351573#more351573>

Jesus não está em crise



Queridos amigos e amigas

Dizeis-me, alguns de vós, que, nas vossas terras, a religião está em crise, que as vossas paróquias estão a ficar vazias, que não se vislumbra um futuro claro para a fé cristã. Jesus é, para vós, uma alegre descoberta, mas, às vezes, o vosso coração é invadido pela amargura e pelo desânimo. Que será da Igreja de Jesus no dia de amanhã?

Compreendo muito bem aquilo que sentis. Não estamos a passar por momentos fáceis. A crise começa a afetar todos os setores da vida, e não apenas a religião. Estão em crise a filosofia e o pensamento. Estão em crise as ideologias e os partidos políticos, a ecologia e a economia. Estão em crise a família e a educação. Há quem comece, mesmo, a afirmar que estamos numa “crise total”.

Eu, porém, quero dizer-vos que, atualmente, Jesus não está em crise. Há cada vez mais pessoas interessadas em estudá-lo e conhecê-lo melhor. Há pensadores não cristãos a afirmar que Jesus é o melhor que a Humanidade produziu até hoje. Investigadores agnósticos, a considerar que Jesus não tem de ser propriedade dos cristãos, mas sim “patrimônio da Humanidade”. Historiadores não crentes, a pensar que o projeto do reino de Deus promovido por Jesus, constitui o “símbolo mais revolucionário” para a construção dum mundo mais humano.

Estou convencido de que Jesus não será arrastado pela atual crise da religião cristã. Pelo contrário, à medida que as igrejas cristãs, fustigadas pela crise, se vão libertando de tantos adereços, tradições, teologias, costumes e práticas que não derivam de Jesus, ir-se-á descobrindo, cada vez mais, o seu verdadeiro rosto, ir-se-á valorizando, cada vez mais, o seu projeto humanizador do reino de Deus, e o seu poder de atração irá aumentando.

Quando, há dez ou doze anos, estava germinando no meu íntimo o projeto do *Grupos de Jesus*, eu estava firmemente convencido de que Jesus não seria esquecido, no mundo novo que haveria de nascer da crise atual. Mas, para isso, será, naturalmente, necessário que, nas nossas paróquias e comunidades, saibamos ressuscitar a nossa adesão e a nossa fé em Jesus Cristo.

Não percais nem a alegria nem a esperança. A Igreja de Jesus há de conhecer uma nova primavera. O Ressuscitado continua vivo e operante no meio de nós. Vós próprios sentis isso mesmo, nos vossos grupos, duma forma muito humilde mas real. Na exortação apostólica *A alegria do Evangelho* diz o papa Francisco: **“Também hoje em dia Jesus Cristo pode destruir os aborrecidos esquemas nos quais o pretendemos encerrar, e pode sempre surpreender-nos com a sua constante criatividade divina”** (EG 11).

Um grande abraço para todos. Feliz Páscoa da Ressurreição!

JOSÉ ANTONIO PAGOLA. Teólogo espanhol.

<http://www.gruposdejesus.com/jesus-no-esta-en-crisis/> (01.03.2016)

os três anos de Francisco em Roma



HÁ TRÊS ANOS, QUANDO FALTAVAM POUCOS DIAS PARA BENTO XVI renunciar ao papado, uma personagem importante (daquelas que exercem poder em Roma) disse-me: **“A Igreja já não pode descer mais baixo do que está”**. E penso que, quem tal me disse, tinha razão. Basta pensarmos que, desde os últimos anos do pontificado de Paulo VI, até ao dia em que Francisco tomou posse, a Igreja esteve, praticamente, sem governo. São mais de trinta anos. João Paulo II geriu o seu pontificado, na perspetiva das suas contínuas viagens por todo o mundo. Bento XVI dedicou-se aos seus estudos e escritos. Quem governava de facto? Os cardeais que presidiam às Congregações.

Homens, muitas vezes, em confronto entre si. De modo que os conflitos internos entre membros da Cúria ocuparam grande parte do tempo e das preocupações do Vaticano, enquanto a Igreja se via assediada por problemas muito graves, muitos deles inadiáveis. Não deixava de ter razão o historiador de Cambridge, John Cornwell, quando em 2000, referindo-se ao pontificado de João Paulo II, escreveu: **“A tese deste livro (um importante estudo sobre Pio XII) é a seguinte: quando o papado ganha importância à custa do povo de Deus, a Igreja católica perde em influência moral e espiritual, com prejuízo de todos nós”**.

E assim foi. Daí o conclave intenso e rápido que elegeu um jesuíta, de cariz franciscano, para suceder a Ratzinger. Com o epílogo final: um bispo vindo “do fim do mundo”, surge à janela principal da praça de S. Pedro para dizer às pessoas que era o bispo de Roma. E que estava ali, não tanto para abençoar, mas antes para ser abençoado pelo povo. Acabava de se encerrar uma longa etapa da história da Igreja. E abria-se uma nova fase cheia de interrogações e esperanças.

Que balanço se pode fazer destes três anos do breve papado de Francisco? Um fato ressalta com clareza: desde os primeiros momentos que Francisco se comportou dum modo que veio, depois, a desencadear atração e repúdio. Grande atração por parte da opinião pública mundial. Enorme repúdio por parte de alguns grupos concretos e possíveis de localizar. Precisando melhor: “atração” por

parte das massas populares, especialmente, por parte das pessoas maltratadas pela vida e pela sociedade opulenta; “repúdio”, sobretudo, por parte de importantes sectores da Cúria, de boa parte do episcopado mundial, de párcos e religiosos mais conservadores, e de grupos de cristãos mais integristas e fanáticos. A explicação deste contraste (atração/repúdio) está no facto de Francisco ser um bispo tão crente quanto humano. E ser ambas estas coisas, numa cultura e numa sociedade em que o poder opressor está a perder força, e a ser substituído pelo poder sedutor. Hoje em dia, a religião já não oprime nem mete medo. Não lhe resta outro poder, a não ser a capacidade de seduzir os novos escravos da sociedade industrial, opulenta e capitalista. Ora, acontece que Francisco tomou tanto a sério o Evangelho, que exerce uma irresistível atração sobre os pobres, os doentes, as crianças, os idosos, os presos das cadeias, os refugiados, os que não têm documentos nem teto, os “zé ninguém”. Por outro lado, paradoxalmente, este homem tão “espiritual” não adota o estilo clerical, e detesta a ostentação do poder e da glória. Posto isto, não poderia constituir surpresa para ninguém o forte repúdio que o papa Francisco teve de enfrentar, por parte da Cúria romana. É que a Cúria, juntamente com os grupos integristas religiosos, continua a acreditar no poder dos dogmas e das leis. É por isso que uma notável maioria dos membros da Cúria são peritos no exercício do poder opressor. O que torna extremamente difícil viver de acordo com o Evangelho. E compreende-se que seja, precisamente, no Vaticano (e nos grupos integristas religiosos) que se encontra o repúdio mais direto e, porventura, mais forte contra o papa Francisco.

Não há dúvida que o papa Francisco inaugurou uma nova etapa na história do papado. Uma etapa que se caracteriza por um facto tão simples quanto surpreendente: um papa que exerce o papado, não com base no poder da religião, mas a partir dos exemplos do Evangelho. Nisto se centra e se resume a genialidade do papa Francisco.

Há, contudo, uma questão a colocar: que falta a este papa, nesta sua nova forma de exercer o papado? Falta-lhe levar a cabo uma alteração profunda e completa da gestão da Cúria romana. É evidente que isso não se pode fazer em dois ou três dias. Nem sequer em dois ou três anos. Como, também, é certo que Francisco se tem dedicado a fundo a este tema complicado. Por isso nos atrevemos a pedir-lhe que – logo que possa – transforme o enorme e solene emaranhado de intrigas da Cúria, num Conselho Mundial do Bispo de Roma, “cabeça do Colégio Episcopal” (LG 22), recuperando, assim, o governo sinodal da Igreja, que perdurou durante o primeiro milénio da sua história. Por favor, papa Francisco, não abandone o papado, deixando a sua obra sem este complemento decisivo que ainda lhe falta.

JOSÉ MARIA CASTILLO. Teólogo espanhol.

<http://blogs.periodistadigital.com/teologia-sin-censura.php> (09.03.2016)



o terror

A injustiça num lugar qualquer é uma ameaça à Justiça em qualquer lugar

Martin Luther King

Martin Luther King disse que “*não há nada mais perigoso do que a ignorância sincera e a estupidez consciente*”. Eu acho que que mais perigoso ainda é quando uma delas manipula a outra.

O que está a acontecer no Brasil não é sobressalto cívico nenhum. É apenas a [histeria](https://pt.wikipedia.org/wiki/Histeria) [https://pt.wikipedia.org/wiki/Histeria] ~ de uma gente ignorante, preconceituosa e desinformada ~ colectivizada por *media* privados cuja agenda tem pouco que ver com qualquer *interesse público* – **terrorismo**, em suma.

O que aconteceu em Bruxelas não é terrorismo. É apenas banditismo, estupidez *consciente* e crapulosa; enfim, crime organizado. **Terrorismo** foi o que aconteceu depois, nas horas e dias seguintes, nos meios de comunicação – a *midiotia*, em feliz expressão cunhada no Brasil.

O verdadeiro Terror, o **terror mesmo**, é [isto](http://www.lematindz.net/news/20046-francois-hollande-decerne-la-legion-dhonneur-au-prince-heritier-darabie-saoudite.html) [http://www.lematindz.net/news/20046-francois-hollande-decerne-la-legion-dhonneur-au-prince-heritier-darabie-saoudite.html].

Ou então, [isto](http://opais.co.ao/luanda-enterrou-mais-de-500-pessoas-so-no-sabado/). [http://opais.co.ao/luanda-enterrou-mais-de-500-pessoas-so-no-sabado/].

Por **Fernando Campos**. Desenvolve actividade no campo das artes gráficas (serigrafia de arte e publicidade), escultura, ilustração, cartoon, decoração e design de móveis e objectos.

<http://ositiodosdesenhos.blogspot.pt/2016/03/o-terror.html> (24 de março de 2016)